

As ninféias são as flores do verão. Marcam o verão que não mais trairá. Quando a flor surge sobre o lago, os jardineiros prudentes colocam fora da estufa as laranjeiras. E, se desde setembro o nenúfar deixa de florescer, é sinal de duro e longo inverno. Ê preciso levantar cedo e trabalhar depressa para fazer, como Claude Monet, boa provisão de beleza aquática, para dizer a curta e ardente história das flores do riacho.

Eis pois nosso Claude que partiu bem cedo. Sonha ele, ao caminhar em direção à enseada das ninféias, que Mallarmé, o grande Stéphane, usou o nenúfar branco como símbolo de uma Leda amorosamente perseguida? Será que repete para si mesmo a página em que o poeta toma a bela flor "comme un noble oeuf de cygne. . . qui ne se gonfle d autre chose sinon de la vacance exquise de soi. . . *"? Sim, já na alegria de ir florescer sua tela, o pintor se pergunta, graçando com "o modelo"¹¹ nos campos como em seu ateliê

*Quel oeuj le nénuphar a-t-il pondu ia nuit?**

Sorri de antemão da surpresa que o espera. Apressa o passo. Mas

*Déjà la blanche fleur est sur son coquetier.**

E todo o lago recende a flor fresca, a flor jovem, a flor rejuvenescida pela noite.

Quando anoitece — Monet o viu mil vezes — a jovem flor vai passar a noite sob a água. Não se diz que seu pedúnculo a faz retornar, contraindo-se, até o tenebroso fundo do lodo? Desse modo, a cada aurora, após o bom sono de uma noite de verão, a flor da ninféia, imensa sensitiva das águas, renasce com a luz, flor assim sempre jovem, filha imaculada da água e do sol.

Tanta juventude reencontrada, tão fiel submissão ao ritmo do dia e da noite, tal pontualidade em dizer o instante da aurora, eis o que faz da ninféia a própria flor do impressionismo. A ninféia é um instante do mundo. É uma manha dos olhos. É a surpreendente flor de uma alvorada de verão.

Sem dúvida, chega um dia em que a flor está forte demais, desabrochada demais, por demais consciente de sua beleza para ir se esconder ao cair a noite. Está bela como ura seio. Sua brancura assumiu um quase nada de róseo, um tom rosa-leve-tentação sem o qual a cor branca não poderia ter consciência de sua brancura. Essa flor não era chamada, em outros tempos, "a roca de Vênus" (*Clavus Veneris*)? Não foi, na vida mitológica que precede a vida de qualquer coisa, Heraclion, a forte ninfa morta de ciúme por ter amado Heraclés demasiadamente?

Mas Claude Monet sorri dessa flor de súbito permanente. Foi a essa flor que, ontem, o pincel de Monet concedeu a eternidade. O pintor pode, portanto, prosseguir a história da juventude das águas.

II

Sim, tudo é novo numa água matinal. Que vitalidade deve possuir este rio-camaleão para responder imediatamente ao caleidoscópio da jovem luz! A vida da água que estremece é tão-somente o que renova todas as flores. O mais leve movimento de uma água íntima é a inauguração de uma beleza floral.

A água que se movimenta possui na água pulsações de flor, diz o poeta¹. Uma flor a mais complica todo o riacho. Um caniço mais reto produz ondulações mais belas. E esta jovem íris da água furando a verde confusão nenufresca — é preciso que o pintor nos diga logo seu surpreendente triunfo. Ei-la, todos os sabres de fora, todas as folhas cortantes, deixando pender de muito alto, em ferina ironia, sua língua enxofrada acima das vagas.

Se o ousasse, um filósofo que sonha diante de um quadro de água de Monet desenvolveria as dialéticas da íris e da ninféia, a dialética da folha reta e da folha calmamente, sabiamente, pesadamente apoiada sobre *as* águas. Não é a própria dialética da planta aquática: uma querendo surgir, animada não se sabe por qual revolta contra o elemento natal, enquanto a outra permanece fiel a seu elemento? A ninféia compreendeu a lição de calma que oferece uma água parada. Com esse sonho dialético talvez se experimentasse, em sua extrema delicadeza, a suave verticalidade que se manifesta na vida das águas adormecidas.

Mas o pintor sente tudo isso instintivamente e sabe encontrar nos reflexos um seguro princípio que constrói na altura o calmo universo da água.

III

E é assim que as árvores -da margem vivem em duas dimensões. A sombra de seus troncos aumenta a profundidade do lago. Não se sonha à beira da água sem se formular uma dialética do reflexo e da profundidade. Parece que, do

fundo das águas, não se sabe qual matéria vem alimentar o reflexo. O lodo é um aço de espelho que trabalha. Une uma treva de matéria a todas as sombras que lhe são oferecidas. O fundo do riacho possui também, para o pintor, sutis surpresas.

Algumas vezes, do fundo do abismo sobe uma bolha singular: no silêncio da superfície, essa bolha balbucia, a planta suspira, o lago geme. E o sonhador que pinta é induzido a ter piedade da infelicidade cósmica. Um mal profundo habita sob este Éden de flores? É necessário lembrar, com Jules Laforgue, do mal das Ofélias floridas

*Et des nymphéas blancs des lacs ou dort Gomorrhe*³.

Sim, a água mais sorridente, mais florida, na mais clara manha, encobre algo de grave.

Mas deixemos passar essa nuvem filosófica. Voltemos, com nosso pintor, à dinâmica da beleza.

IV

O mundo quer ser visto: antes que houvesse olhos para ver, o olho da água, o grande olho das águas tranqüilas olhava as flores que se abriam. E é nesse reflexo — quem dirá o contrário? — que o mundo tomou, pela primeira vez, consciência de sua beleza. Do mesmo modo. desde que Claude Monet olhou as ninféias, as ninféias da Ile-de-France são mais belas e maiores. Flutuam sobre nossos riachos com mais folhas, mais tranqüilamente, comportadas como imagens de Lotus-criança. Li, não sei mais onde, que nos jardins do Oriente, para que as flores fossem mais belas, para que florescessem mais depressa, mais calmamente, com clara confiança em sua beleza, tinha-se bastante cuidado e amor para se colocar, diante de uma haste vigorosa que levasse a promessa de uma jovem flor, duas lâmpadas e um espelho. A flor podia então se mirar durante a noite. Tinha, assim, infindavelmente, o gozo de seu próprio esplendor.

6. "E das ninféias brancas dos lagos onde dorme Gomorra." (N. rio T.)

Claude Monet teria compreendido essa imensa caridade do belo, esse encorajamento dado pelo homem a tudo que tende ao belo, ele que durante toda sua vida soube aumentar a beleza de tudo que caía sob seu olhar. Ele teve em Giverny, quando ficou rico — tão tarde! —, jardineiros da água para lavar a sujeira das largas folhas dos nenúfares floridos, para animar adequadamente as correntes que estimulam as raízes, para vergar um pouco mais o galho do salgueiro-chorão que incita sob o vento o espelho das águas.

Em suma, em todos os atos de sua vida, em todos os esforços de sua arte, Claude Monet foi um servidor e um guia das forças de beleza que conduzem o mundo.